MINISTÉRIO DO TURISMO
E UOL APRESENTAM

DA OBRA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO
MÚSICAS DE CHICO BUARQUE

# MORTE E VIDA SEVERINA

DIREÇÃO ELIAS ANDREATO
DIREÇÃO MUSICAL MARCO FRANÇA

## **João Cabral de Melo Neto**

O Poeta da minha juventude

Minha estreia no teatro amador foi o espetáculo: O RIO de João Cabral de Melo Neto com trilha de João do Vale, cantada por minha Amada, Maria Bethânia, senhora da minha inspiração artística. Quando Celia Forte me contou que Morte e Vida Severina, foi o seu trabalho escolar aos 16 anos, e desde então, se tornou seu sonho... Fiquei comovido com a semelhança e força da poesia em nossas vidas. E assim estamos aqui para contar essa história. Nossa caminhada foi agregada por tantos e lindos fazedores de Arte. O maestro Marco França, brilhante músico, ator e compositor, com sua vivência e sensibilidade de raiz nordestina, nos arrebata com seu talento. Selma Morente, e sua equipe especial e dedicada, nos permite realizar este trabalho, num tom amoroso que Selma sempre propõe. Martha Lozzano, Beth Gallo, Thais Forte, Magali Morente Lopes e Morenteforte, fazedoras incansáveis, abrem os caminhos do nosso ofício para poetizar nossas vidas severinas.

Elifas Andreato, artista que sempre percorreu os riscados dos Sertões do Brasil e os colocou em suas capas de discos e cenografias teatrais, trazendo o foco para a dor e alegria do nosso povo. Assim como Portinari também ele nos inspira e nos ajuda nessa migração.

Fabio Namatame, artista múltiplo, e conhecedor da linguagem cênica, nos veste para a secura, onde a silhueta só revela o olhar.

Roberto Alencar, o bailarino que vasculha os movimentos do povo, com leveza e sensibilidade se inspira nas obras de Portinari e dos coros gregos, para ressaltar a força do coletivo.

Mef, o ensaiador de severinos, que com talento e alegria resiste e dignifica nossa obra.

Docini Junior, meu parceiro e assistente nessa jornada, com um olhar atento e preciso, ilumina a todos nós e se revela um grande artista.

Somos todos Severinos, neste país tão plural, dolorido e esperançoso. Somos migrantes em busca de poesia e escolhemos essas palavras ásperas para exigir dignidade e soberania para o nosso povo. O poeta da crueza, palavra por palavra, faz a síntese neste poema dramático, para escancarar o país que construímos.

Somos Vida Severina!

A minha gratidão ao elenco Maravilhoso e repleto de Talentos, estar com vocês é a prova de que minha historinha pessoal se concretizou.

Obrigado a todos.

Meu agradecimento especial a Biscoito Fino, Djavan, Leila Maria e Ana Basbaum.

*Elias Andreato*

# A Obra

Morte e Vida Severina é considerada a obra mais popular de João Cabral de Melo Neto. Trata-se de um auto de natal pernambucano, publicado em 1954/55, e que teve sua estreia nos palcos na inauguração do Tuca, em 1965. Na época, Roberto Freire era o diretor do teatro e partiu dele o convite para Chico Buarque musicar a peça, o que acabou se transformando em um sucesso que atravessou fronteiras. Dirigido por Silnei Siqueira, o espetáculo chegou a ganhar um prêmio na França, em 1966.

O texto faz um relato sobre a vida e trajetória árida do povo do sertão nordestino. O sofrimento enfrentado pelo personagem central, Severino, é um retrato – ainda atual – dos migrantes do Nordeste, que buscam uma existência mais digna nas grandes cidades. Em sua viagem rumo a uma vida melhor, Severino se depara com situações de morte, desespero, de miséria e fome. Ao chegar à capital pernambucana se desilude, pois a realidade que encontra ali não é muito diferente da do sertão. Pensa em suicídio, mas o nascimento de uma criança faz renascer sua esperança, apesar das dificuldades. Assim, a saga nordestina se desenha, revelando a alma de um povo que caminha forte em sua fé.

Nesse poema, João Cabral de Melo Neto abusa da linguagem poética sem deixar de lado aspectos sociais e políticos. Os versos são curtos, sonoros (geralmente com sete sílabas) e quase musicais, lembrando as poesias de cordel. A sonoridade, portanto, é um elemento importante da obra. As composições criadas por Chico Buarque ajudaram a popularizar o espetáculo.

## Sobre esta montagem

Inicialmente, a estreia dessa montagem de Morte e Vida Severina estava prevista para 2020, ano em que completou 55 anos da primeira temporada (1965). A pandemia, porém, adiou os planos, mas só aguçou o desejo de realizar um espetáculo atual, forte e emocionante em sua essência. O primeiro convidado pelas produtoras Selma Morente e Célia Forte para participar do projeto foi o diretor, Elias Andreato. Ele não só aceitou o convite, mas participa ativamente da concepção de todo espetáculo.

Treze jovens talentos de várias cidades do Brasil, principalmente do Nordeste, e cinco músicos compõem a encenação. A direção musical é de Marco França e a produção é da Morente Forte Produções Teatrais, que reuniu uma equipe renomada de criativos. O cenário, por exemplo, tem a assinatura do artista que nos deixou recentemente, Elifas Andreato. Esta foi sua última obra. A maquete do cenário está exposta no saguão do Tuca. Os desenhos de luz são de Elias Andreato e Júnior Docini e remetem às cores do céu do sertão. Os figurinos foram concebidos por Fábio Namatame; desenho de som, por Marcelo Claret; e direção de movimento, de Roberto Alencar.

Trabalhar com cultura nunca foi uma tarefa fácil no país. Há 56 anos, o espetáculo teve ajuda financeira de vários artistas e estudantes para que pudesse estrear. Essa força e energia colaborativa também são resgatadas e traduzidas nessa montagem envolvente, emocionante e tipicamente brasileira de Morte e Vida Severina. Bom espetáculo!

“...E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida...”

## Meu pai chorou

Lembro quando vi, ainda menino pela primeira vez meu pai desaguando. “Porque é triste… e belo”, disse ele diante da tv e do meu estranho encantamento.

Era “Morte e Vida Severina” de 1981 na tv com José Dumont como protagonista. Versão simples e icônica, como a obra de João Cabral pede e merece.

Chico Buarque ali me descortinava o mundo com a sua música, que hoje pra mim é ofício. Aquele sentimento não tinha nome. Mas me marcara. Um caminho sem volta.

Quando comecei a estudar e a revisitar essa obra ao ter sido convidado para fazer parte desta produção me vi no meu pai. Me vi naquele menino de novo. E tudo fez sentido outra vez.

E me fiz açude sangrando, como em época de cheia quando chove no sertão! Chovi! E fui me (trans)bordando e enchendo de novo a cada dia de ensaio ao trocar com cada artista nesse processo que mais pareceu um sonho lindo.

Desses que se quer sonhar a vida toda. Como sonhou Célia Forte. E com sua fortaleza e parceria de Selma Morente fizeram brotar o teatro poesia nestes tempos áridos de um Brasil rachado e seco.

Elias, vou com você pra qualquer chão! Sua arte e generosidade como homem de teatro me inspira e faz valer a pena continuar, sempre!

Desde 2016, quando migrei pra essas terras quanto mais tempo corre mais me conecto com o lugar de onde vim, Natal (RN). O trabalho me trouxe até aqui. E aqui me desabrochou o ficar. E com o ficar veio também a saudade.

“Morro a cada saudade que não mato”. Nestas palavras poema da poeta potiguar Anna Zepa nasço e morro todo dia.

E sigo, como mais um Severino, rumando esse rio (pra não chorar) pra chegar no centro que me é morada de direito: o mundo.

Viva Morte e Vida Severina!

*Marco França*

## Tecendo o amanhã

Que momento mais feliz, voltar a fazer teatro e receber esse presente dos deuses: um elenco talentosíssimo, de vários lugares do país, criativos dos sonhos, técnicos incríveis. Equipe de ouro.

De um sonho da minha sócia, tornou-se um espetáculo forte, tocante, sensível e onde a beleza está na simplicidade.

Tenho muito orgulho do que faço. E faço com muito amor. Juntar todos, todas e tudo dar certo.

Das audições ao primeiro corrido foram momentos fortes, de concentração absoluta e muita emoção. Todos juntos para contar essa história tão brasileira e comovente.

Morte e Vida Severina une dois ícones da arte brasileira: João Cabral de Melo Neto e Chico Buarque. Sua estreia, no Tuca, em 1965, ocorreu em plena ditadura militar e só foi possível porque teve o apoio financeiro de vários artistas e estudantes. Por isso, além da força do texto e das músicas, o espetáculo carrega, em sua essência, uma energia transformadora, de união e realização. Revisitar essa obra em um momento tão difícil e desafiador é dar voz aos tantos Severinos espalhados pelo país, que não fogem só da seca, mas do preconceito, da fome, da exclusão, da marginalização.

Acredito ser merecedora, por isso tive a boa sorte de não só juntar pessoas, mas pessoas de coração bom. Como disse João Cabral de Melo Neto, “um galo sozinho não tece uma manhã”. E já que sonhar não custa nada, que a emoção desse espetáculo desperte nas pessoas a capacidade de enxergar que o bem do outro também é o nosso, e que só unidos por objetivos comuns poderemos tecer não uma manhã, mas um novo amanhã.

Agradeço por tanta entrega.
Bom espetáculo!

*Selma Morente*

## Um sonho...

Aos 16 anos fui ao teatro pela primeira vez e lá estava a obra maior de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina embalada pelas músicas do jovem de 23 anos, Chico Buarque de Hollanda. Foi tão impactante aquele meu encontro com o teatro. Avassalador. O extinto Teatro Markanti encheu-se de palavras, de músicas e da infinita certeza que eu queria isso para a minha vida, seja lá do jeito que fosse. E nesse mesmo ano, a Professora de Português e literatura, Heliane Carnevalli , dirigiu uma montagem no colégio. Educação aliada à cultura, um bálsamo. Eu "interpretei" a Cigana 1 e desde então, vira e mexe, para o infortúnio das pessoas próximas, declamo a poesia nua e crua sobre a sina dos retirantes nordestinos, das mortes e vidas, tão severinas.

## A realidade...

...se fez. Da melhor forma possível, cheia de talento e afeto, com a melhor equipe que eu jamais poderia sonhar. Estreamos no mesmo TUCA, que em sua inauguração abriu as portas para a estreia de Morte e Vida Severina em 1965. Trazer à baila a poesia de João Cabral, nesse momento, num Brasil com tantos "brasis" é tão necessário e forte, tão necessário e poético, tão necessário e seco, tão necessário e vivo. A triste constatação que "a parte que cabe desse latifúndio" aos retirantes é bem menor que "uma cova com palmos medida". Trazer as músicas compostas por Chico Buarque especialmente para essa obra, não me cabe no peito. Minha alma flutua. Sim, Selma, meu porto seguro, realizamos essa pérola com muitas, com tantas pessoas sonhadoras como nós. Mais de

50 profissionais, diretamente envolvidos, mais de 150 famílias pelo entorno.

Teatro é isso: movimenta, alimenta, dá vida! Teatro é “belo porque corrompe com sangue novo a anemia”

Obrigada às pessoas que chegaram de mansinho e que vão ficar nessa morada, as que estão há tanto tempo na mesma jornada e a Célia Jordani por simplesmente estar, sempre. Ao elenco talentosíssimo por qual nutro um amor e carinho profundos, a “banda” (ah, que banda você nos trouxe meu amigo de infância Marco França, fora os arranjos, etc e tal!), aos criativos (ah, que criativos) e a equipe Morente Forte, a mais terna e comprometida que tivemos a sorte de ter. Obrigada ao UOL por acreditar, ao TUCA por nos receber e ao público por nunca deixar de conferir as belezas que a arte proporciona!

Elias, você me nutre, me acrescenta, me inspira, me faz uma pessoa melhor com sua poesia...

Mãe, que bom que está por perto com seu aconchego, com seu amor. Pai, sua presença ainda é muito quente em mim. Esteja bem aí nas alturas.

*Célia Forte*

# ELENCO

**DUDU GALVÃO**
Severino

“Um potiguar no meio do mundo.
Um nordestino no centro do palco; corpo e alma de Severino, para falar sobre um Brasil profundo. Com a garganta de terra seca, os olhos de maré cheia, a voz de João Cabral, me junto a um bando de retirantes acolhedores, em meio a tanta Morte Severina, para emigrar em vossa presença, saltar pra dentro da Vida e fazer TEATRO, lugar sempre necessário, onde podemos nos escutar uns aos outros e onde se tem vida de verdade”.

## JONATHAN FARIA
Mestre Carpina

Pense num artista afortunado por ter sido escolhido para ser o canal das palavras de ESPERANÇA do Mestre Carpina? Pensou? Pois este sou eu: um privilegiado por falar de VIDA, após às mais de seiscentas e cinquenta mil MORTES em decorrência da pandemia do descaso. Neste contexto, a poesia de João Cabral de Melo Neto, é um balão de oxigênio e, por isso, precisamos contar e cantar essa história tão necessária hoje, assim como foi quando estreou em 11 de setembro de 1965, neste mesmo teatro.

## BADU MORAIS
Mulher da Janela

“Na força da luta também se apresenta a denuncia. Cabral é seco, imagético e afiado como uma lâmina, lâmina essa para perfurar e rasgar os tempos e os espaços. Hoje trago essa lâmina da minha lingua e deixo minha pele ser meu gibão, para gritar as denuncias de um brasil profundo que desconhece a cura,. De um Brasil que é lá mas também é aqui, foi ontem e também é agora. LUTAR, GRITAR E MUDAR É URGENTE.”

## JANA FIGARELLA
Mulher do Funeral

Raiei às margens do Rio Amazonas, fui descendo pelo Tapajós até desaguar no Capibaribe. Dessa mistura, terra seca e água, fez-se o barro onde esculpi a mão meu destino. Minha história é Severina. Fazer parte deste elenco, ecoar a poesia de João Cabral e dar voz a tantos outros Severinos, é um grito em protesto da vida, celebração que supera a morte. E se cada ser em si é uma gota, no percurso a correnteza há de juntar, diz o ditado "A união que faz a força, rio só não vira mar..."

## PATRICIA GASPAR
Cigana 1

Morte e vida são rios que correm paralelos. Penso nos muitos Brasis que vieram à tona e gostaria que qualquer coisa que fosse contra solidariedade, liberdade, igualdade social e de direitos, compaixão e respeito não coubesse mais em nenhum deles. Mas a realidade é cruel. Então vem a arte para a gente refletir, sonhar e semear novas verdades. Morte e Vida Severina tem trazido muito significado para minha vida e carreira. À medida que o poema, as canções, a criação da montagem foi se configurando fui me sentindo pequena, miúda diante de tudo, e enorme por servir a tanta grandeza. Obrigada a cada um que faz comigo essa travessia. Nos vejo bebendo água da chuva, de braços dados e pés descalços. Salve João Cabral de Melo Neto. Salve Chico Buarque de Holanda. Dedico minha participação à memória do meu pai, Carlos Gaspar, jornalista, cearense, que viveu para revelar um Brasil desconhecido.

## ANDRÉA BASSITT
Cigana 2

Esse trabalho chega para mim como chuva sobre a seca que atinge nossa cultura, nossas vidas, nosso país. “Morte Vida Severina: auto de Natal pernambucano” é nosso grito, é a delícia do teatro, da música, do convívio em grupo, da criação; é a pulsação conjunta de corações que querem e precisam falar, hoje, a poesia que João Cabral escreveu em meados do século passado, e que estreou no teatro Tuca anos depois com a força de uma tempestade. Ainda estamos lá. Só que não. Agradeço a tods que fazem parte dessa história.

## JOÃO PEDRO ATTUY
Coveiro 1

Uma faixa de terra seca atravessa meu corpo e dilata todos os meus órgãos ao mesmo tempo que inunda meus olhos, faz brotar vida dentro de mim. Parece contraditório, mas é assim que me sinto todas as vezes que escuto a poesia de João Cabral. Escrita em 1955 e encenada pela primeira vez no auge da Ditadura Civil Militar Brasileira o texto assusta pela sua atualidade, mas apesar de tudo nós escolhemos confiar na força da poesia, da música, da Arte! Com um elenco retirante, vindo de diferentes cantos, aprendo cada dia mais sobre o Brasil, que é tão vasto, tão plural, tão profundo e muito maior que a soma de todos os seus algozes. Que cada um possa também, ao ver nosso trabalho, enxergar a força da vida que nasce onde a gente menos espera.

**RAPHAEL MOTA**
Coveiro 2

Em São Paulo eu reencontro o meu Capibaribe. Na saga de Severino eu me reconheço. A esperança está na correnteza inquieta que nos carrega até o imprevisível. Dar voz e corpo ao texto de João Cabral de Melo Neto e as músicas de Chico Buarque é de uma honra imensa! Uma responsabilidade gigantesca para um jovem ator pernambucano que deságua em novos mares. Um prazer mergulhar nesta obra e carregar estas palavras ao lado destes artistas sublimes. Só tenho a agradecer a minha família, aos meus amigues e ao nosso elenco/equipe que fazem deste caminho um grande encontro!

**BEATRIZ AMADO**
Retirante e Flauta

Contar a história do Severino (e de tantos outros Severinos e Severinas que existem no nosso país) nesse momento é urgente e necessário. Um texto escrito em 1955 e que hoje, infelizmente, ainda retrata a realidade de muitos. Me sinto honrada e muito grata em fazer parte de um elenco com tanta gente talentosa e generosa, e de uma equipe tão cuidadosa e sensível. É de uma alegria sem fim poder cantar, tocar e interpretar as palavras de João Cabral de Melo Neto neste teatro que recebeu a primeira montagem.

## FERNANDO RUBRO
Retirante

Na busca de ser um artista plural, encontro em Morte e Vida Severina a oportunidade da descoberta, a descoberta de um novo capítulo, onde com várias letras escrevo uma página linda de minha vida. Acredito que o ser artista está nos detalhes, no efêmero, no instante, e que isso, é o que faz nosso ofício tão verdadeiro e belo. Me vejo em cada Severino aqui mencionado, cada olhar e cada gesto. Somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida. Iguais em tudo e na sina.

## GABRIELLA BRITTO
Retirante

Sentindo o cheiro das manhãs de Aracaju, vejo o sol nascer na serra e tantas pessoas a retirar. Me encontro rodeada de histórias, de generosidade e de esperança. Quantas linhas ali se cruzam. Quantas pessoas deixamos para trás. Quantas encontramos pelo caminho. Subo ao palco com minha matula repleta de amor e gratidão para cantar vida à gente que é terra, à gente do mangue, que segue a correnteza na incerteza de chegar.

## IVAN VELLAME
Retirante

A Vida Severina, quente, que bole por dentro e derrama alegria, pede, a todo tempo, da gente, sabedoria que valha cada passo com essa carcaça que nos move. Que nos leva. Que nos preza. Deixar minha carcaça e tudo que bole dentro ser chacoalhado por João Cabral, Chico, Elias, Marco, Roberto, Célia, Selma, e toda a gente que nessa travessia construiu nosso pedacinho de latifúndio, me dá a certeza de que vale. Vale tudo até aqui. Vale tudo por aqui. Você que tá nos lendo, que vai nos ver e ouvir, ou nos viu e ouviu, se permita crer que vale também. Que a maior onda do astral, que é a Vida, vale. Se deixe também chacoalhar. Valei-me, meu pai Oxalá. Evoé. Axé. Valei-nos!

## PABLO ÁSCOLI
Retirante

“Uma pausa, uma longa jornada silenciosa, sem poder ser o que se é de fato, um mergulho pra dentro, mas precisava respirar, tinha que respirar, gritar! Assim foram os últimos dois anos e aqui cheguei, no ar que estava procurando. Um ar com colos afetuosos, de gente forte, sonhadora e decidida a contar mais uma vez (e talvez infelizmente) que ainda precisamos olhar para fora de nós, para dentro dos nossos. Ser Ver Ir No interior do povo que ainda desloca, retira, desfaz para ser vida em tantas mortes. Poder contar e denunciar este ainda hoje, é uma função de grande responsabilidade e assim o farei com as ferramentas que tenho em meu ofício por muitas vezes calado. O enterro espera na porta, mas o corpo ainda está com Vida!”

FICHA TÉCNICA

Da obra de **JOÃO CABRAL DE MELO NETO**
Músicas de **CHICO BUARQUE**
Direção **ELIAS ANDREATO**
Direção Musical, Arranjos, Aboios
e Lamentos (original) **MARCO FRANÇA**
Voz **MARIA BETHÂNIA**
Poema *Seca* de **DJAVAN**

ELENCO

**DUDU GALVÃO, ANDRÉA BASSITT, BADU MORAIS, BEATRIZ AMADO, FERNANDO RUBRO, GABRIELLA BRITTO, IVAN VELLAME, JANA FIGARELLA, JOÃO PEDRO ATTUY, JONATHAN FARIA, PABLO ÁSCOLI, PATRICIA GASPPAR, RAPHAEL MOTA**

MÚSICOS

**BEATRIZ FRANÇA** Contrabaixo Acústico e Baixo Elétrico
**BRUNO MENEGATTI** Rabeca e Violão
**DICINHO AREIAS** Sanfona
**RAPHAEL COELHO** Percussão
**RICARDO DUTRA** Viola e Violão

Cenário **ELIFAS ANDREATO**
Figurino **FABIO NAMATAME**
Desenho de Luz **ELIAS ANDREATO** e **JUNIOR DOCINI**
Desenho de Som **MARCELO CLARET**
Direção de Movimento **ROBERTO ALENCAR**

Assistente de Direção **JUNIOR DOCINI**
Assistente de Direção Musical, Preparação Vocal
e Pianista Ensaiador **MARCELO FARIAS**
Assistente de Cenário **LAURA ANDREATO**
Cenotécnico **FABIN CENOGRAFIA e EDÉSIO BISPO**

Operador de Som **THIAGO H. SCHAFFER**
Microfonista **GABRIEL MILAS**
Operadores de Luz **JUNIOR DOCINI** e **RAFAEL INÁCIO**
Camareiros e Contrarregras **FABIO OLLYVIER** e **TONINHO PITA**

Coordenação de Comunicação **BETH GALLO**
Assessoria de Imprensa **MORENTE FORTE – THAÍS PERES**
Projeto Gráfico Identidade Visual **LAERTE KÉSSIMOS**
Fotos **JOÃO CALDAS F°**
Assistente de fotografia **ANDRÉIA MACHADO**
Filmagem **JADY FORTE**
Edições para Web **BETH GALO**
Redes Sociais e Textos **ANA PAULA BARBULHO**

Coordenação Administrativa **DANI ANGELOTTI**
Assistência Administrativa **ALCENÍ BRAZ**
Assistente de Produção **NANA GENOVEZZI GODOY**
Adm. da Temporada **MAGALI MORENTE LOPES**

Produção Executiva **MARTHA LOZANO**

Produtoras **SELMA MORENTE** e **CÉLIA FORTE**

Uma Produção **MORENTE FORTE PRODUÇÕES TEATRAIS**

***Dedicamos essa montagem ao nosso querido Elifas Andreato, que nos iluminou com seu sol.***

AGRADECIMENTOS
**Alessandra Negrini Alex Giostri, Ana Basbaum, Augusto Vieira, Bento Andreato, Carlos Ataíde, Carol Carreiro, Chico Buarque, Equipe TUCA, Fernanda Maia, Gonçalo S. Neres, Heliane Carnevalli, José Rodolpho Perazzolo, Maria Amalia Pie, Abib Andery, Nilton Ramos, PUC-SP, Sergio Rezende, Teatro Núcleo Experimental e Virginia Rosa.**

FABIO NAMATAME

JUNIOR DOCINI

MARCELO FARIAS

BETH GALLO

MARCELO CLARET

ROBERTO ALENCAR

BEATRIZ FRANÇA

BRUNO MENEGATTI

DICINHO AREIAS

RAPHAEL COELHO

RICARDO DUTRA

JOÃO CALDAS F°

ANA PAULA BARBULHO

THAIS PERES

LAERTE KÉSSIMOS

DANI ANGELOTTI

JADY FORTE

MARTHA LOZANO

ALCENÍ BRAZ

MAGALI MORENTE LOPES

NANA GENOVEZZI

LAURA ANDREATO

GABRIEL VILAS

RAFAEL INÁCIO

THIAGO H. SCHAFFER

TONINHO PITA

FÁBIO OLLYVER

ELIFAS ANDREATO

DESDE 1985
FAZENDO
ARTE
MORENTE FORTE

@morenteforte
/morenteforte
/morenteforteMF

PATROCÍNIO

APOIO CULTURAL

UM PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO